

Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal

Ferreira, Danielle Thiago

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Ferreira, D. T. (2003). Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. *ETD - Educação Temática Digital*, 4(2), 35-47. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-104228>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more information see:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

BIBLIOTERAPIA : UMA PRÁTICA PARA O DESENVOLVIMENTO PESSOAL

Danielle Thiago Ferreira

Resumo

Este artigo tem por objetivo relatar investigações acerca da Biblioterapia, visando a interpretação da elaboração de Programas Biblioterápicos Básicos para o desenvolvimento pessoal. Assim, delimitou-se os aspectos principais de um Programa Biblioterápico, suas abordagens metodológicas, dando ênfase no papel dos profissionais envolvidos e suas interações, dentre eles, destacando a atuação do bibliotecário.

Palavras-chave

Biblioterapia ; Desenvolvimento pessoal ; Profissional da informação ; Programas Biblioterápicos Básicos

Abstract

This article has for objective tell to inquiries concerning the Bibliotherapy, aiming at the interpretation of the elaboration of Basic Bibliotherapics Programs for the personal development. Then, delimited the main aspects of a Bibliotherapic Program, its metodologicals boardings, giving to emphasis in the paper of the involved professionals and its interactions, amongst them, detaching the performance of the librarian.

Keywords

Bibliotherapy ; Personal development ; Information professional ; Basic Bibliotherapics Programs

INTRODUÇÃO

O componente que torna a Biblioterapia uma técnica de aconselhamento é naturalmente um biblioterapeuta que pode ser qualquer um dos profissionais que atuarão conjuntamente neste programa (psicólogo, educador, bibliotecário ou assistente social). Este prescreve material específico para dar assistência a uma pessoa na solução de seu problema específico. Assim para agir efetivamente, o biblioterapeuta deve possuir algumas qualificações importantes, a saber:

- Um entendimento profundo de natureza psicológica do problema que está sendo enfrentado pelo adolescente, no caso.
- Uma compreensão do caminho que este problema particular é tratado na seleção do livro prescrito.
- A habilidade em formular hipóteses, que se refiram ao impacto que este material terá sobre a solução positiva do problema ou objetivo que se queira alcançar.

É importante ainda destacar, a relação de valorizarmos a leitura orientada e crítica que faz parte deste programa, como um elemento de libertação e de engrandecimento humano, de auto-realização e aperfeiçoamento, destacando-se um alerta de importância fundamental.

Com relação a atividade do profissional de Biblioteconomia e Ciência da Informação, fazer a seleção do material implica em muitos riscos, pois o bibliotecário se define enquanto pesquisador e profissional, e ao mesmo tempo, enquanto cidadão participante de mudanças sociais.

1. BIBLIOTERAPIA

Biblioterapia é um termo derivado das palavras latinas para livros e tratamento. Biblio é a raiz etimológica de palavras usadas para designar todo tipo de material bibliográfico ou de leitura, e terapia significa cura ou restabelecimento. A Biblioterapia é vista como um processo interativo, resultando em uma integração bem sucedida de valores e ações. O conceito de leitura empregado neste processo interativo é amplo. E inclui todo tipo de material, inclusive os não-convencionais.

O uso da leitura com objetivo terapêutico é antigo e muitos registros atestam essa utilização. No antigo Egito, o Faraó Ramsés II mandou no frontispício de sua biblioteca “Remédios para a alma” (Alves, 1982), e as bibliotecas egípcias ficavam localizadas em templos denominados de “casas de vida” como locais de conhecimento e espiritualidade (Montet, 1989). Entre os romanos, Aulus Cornelius Celsus também associou a leitura com tratamento médico, ao recomendar a leitura e discussão das obras de grandes oradores como recurso terapêutico no desenvolvimento da capacidade crítica dos pacientes (Orsini, 1982). “Tesouro dos remédios da alma” era a inscrição que havia na biblioteca da Abadia de São Gall, durante a Idade Média (Alves, 1982). Também os gregos fizeram associação de livros como forma de tratamento médico e espiritual, ao conceberem suas bibliotecas como “a medicina da alma” (Marcinko, 1989). O Hospital Al Mansur, em 1272, recomendava leitura de trechos escolhidos do Alcorão como parte do tratamento médico (Marcinko, 1989). Como é possível perceber, muitos

indivíduos, em épocas diferentes, já haviam percebido o valor da leitura como um agente de transformação.

A dedicação de alguns religiosos possibilitou o ressurgimento do uso terapêutico da leitura em hospitais para doentes mentais no século XIX. Em 1802, Benjamin Rusch foi o primeiro pesquisador norte-americano a recomendar a leitura para doentes de um modo geral, e em 1810 também recomendou a Biblioterapia como forma de apoio à psicoterapia para pessoas portadoras de conflitos internos, depressão, medos ou fobias, e também para idosos (Alves, 1982). A partir da década de 30, a biblioterapia se firmou definitivamente como um campo de pesquisa, destacando-se as biblioterapeutas Isabel Du Boir e Emma T. Foreman, principalmente esta última, que insistiu para que a Biblioterapia fosse vista e estudada como uma ciência e não como arte (ORSINI, 1982).

Em 1942, a pesquisadora Ilse Bry, formada em Psicologia, Filosofia e Biblioteconomia, publicou seu trabalho “Aspectos Médicos da Literatura: um esboço bibliográfico”, abordando quatro aspectos diferentes: aplicação médica da literatura, a medicina na literatura, análises médicas da literatura e estudos das respostas à literatura (Orsini, 1982). Sofie Lazarsfeld publicou em 1949 um artigo intitulado “O uso da ficção na psicoterapia”, em que eram descritas as reações dos pacientes diante do texto e entre as linhas dos livros indicados, chegando a muitas conclusões; o ponto interessante deste trabalho é que ele serviu para que a autora iniciasse um processo de auto-conhecimento (Orsini, 1982), ressaltando dessa forma a necessidade de uma profunda auto-análise

para qualquer pessoa que pretenda trabalhar com Biblioterapia.

Ainda em 1949 surge o primeiro Ph.D. em Biblioterapia, com Caroline Shrodes defendendo sua tese de dissertação “Biblioterapia: um estudo teórico e clínico-experimental”, lançando as bases da Biblioterapia atual. Em 1951, surgiria o segundo Ph.D., Esther A. Hartman, da Universidade de Stanford, com a tese “A literatura imaginativa como uma técnica projetiva: um estudo de Biblioterapia”. Em 1975, Mary Jane Ryan afirma, em um artigo de periódico, que a Biblioterapia era uma arte, e não uma ciência. No final da década de 50, em um outro artigo, Richard Darling coloca a idéia de que a Biblioterapia também poderia ser usada com fins preventivos. Atualmente a Biblioterapia é um campo de produção científica e de atuação profissional que envolve médicos, psicólogos, educadores, bibliotecários, assistentes sociais, psiquiatras e terapeutas de diversas correntes.

A Biblioterapia foi definida pela primeira vez no Dorland's Illustrated Medical Dictionary, em edição de 1941, como o emprego de livros, através de literatura dirigida, no tratamento de doentes mentais (Ratton, 1975). O Webster's Third International Dictionary, em edição de 1961 apresenta seguinte definição: “Uso de material de leitura selecionada, como adjuvante terapêutico em Medicina e Psicologia”, além de “Guia na solução de problemas pessoais através de leitura dirigida” (Ratton, 1975), sendo esta última definição adotada como oficial pela Associação para Bibliotecas de Hospitais e Instituições. Ruth Tews definiu Biblioterapia como um programa de atividades selecionadas que envolve materiais de leitura planejados, utilizado de forma conduzida e controlada, para

tratamento de problemas emocionais, sob orientação médica (ALVES, 1982):

“Biblioterapia pode ser tanto um processo de desenvolvimento pessoal como um processo clínico de cura, que utiliza literatura selecionada, filmes, e participantes que desenvolvem um processo de escrita criativa com discussões guiadas por um facilitador treinado com o propósito de promover a integração de sentimentos e pensamentos a fim de promover auto-afirmação, auto conhecimento ou reabilitação (MARCINKO, 1989, p.2).

Esta definição complementa a visão de Arleen McCarty Hynes, de que a Biblioterapia é uma técnica para promover a integração bem sucedida de valores e ações da pessoa que está se submetendo ao processo psicoterápico (nem todas as formas de Biblioterapia utilizam técnicas psicoterápicas), podendo assim ser utilizadas para o desenvolvimento pessoal (Hynes, 1987). Indo mais além pode se conceituar e definir a Biblioterapia como um processo terapêutico baseado na literatura (a leitura é vista no seu conceito mais amplo, e não apenas como literatura de sinais gráficos impressos), mas que utiliza materiais diversos e selecionados (materiais bibliográficos impressos ou de criação própria, além de outros meios fornecidos pela mídia eletrônica) com o objetivo de provocar o *insight* e a catarse através de discussões e reuniões orientadas de um grupo constituído de forma homogênea. A Biblioterapia se constitui então num processo interativo de sentimentos, valores e ações, tendo como resultado final um processo harmônico e equilibrado de crescimento e desenvolvimento pessoal.

Devido ao fato de ter desenvolvido principalmente no ambiente dos hospitais e clínicas de Saúde Mental, a Biblioterapia foi aplicada quase de forma corretiva, e voltada para aspectos clínicos de cura e restabelecimento de pessoas com profundos distúrbios emocionais e de comportamento. O seu caráter preventivo foi descoberto posteriormente, sendo aplicado junto a crianças, adolescentes e jovens, em escolas, bibliotecas e centros comunitários, em trabalho multidisciplinar.

A Biblioterapia clínica é destinada às pessoas com sérios problemas de comportamento social, emocional, moral etc. Sua aplicação tem sido predominantemente em instituições de saúde, como hospitais, clínicas, organizações de saúde mental, embora ocorra também em clínicas privadas. É aplicada através de programas muito bem estruturados e que envolvem psicoterapeutas, médicos e bibliotecários (Marcinko, 1989). Seu objetivo é fazer com que os pacientes modifiquem suas atitudes e comportamento, com a solução ou melhora do problema de comportamento apresentado.

Em outras palavras, a Biblioterapia institucional é um tipo de auxílio aplicado em grupo ou individual e personalizado que uma instituição presta, através de uma equipe de profissionais, aos seus usuários, enfocando aspectos das doenças mentais, distúrbios de comportamento, ajustamento e desenvolvimento pessoal, fornecendo literatura sobre o assunto. Este material é usado nas sessões, devendo ser aplicado por um conjunto de profissionais, que inclua um bibliotecário treinado e acompanhamento de profissionais de saúde ou educação, dependendo do tipo de trabalho a ser feito. O seu objetivo é

prestar informação ao usuário e esclarecê-lo sobre um problema específico, ajuda-lo na tomada de decisão e reorientação de seu comportamento conforme o objetivo definido para o trabalho (MARCINKO, 1989).

A Biblioterapia para o desenvolvimento pessoal é descrita como apoio literário personalizado para possibilitar um desenvolvimento normal e progressivo da pessoa que procurou por ajuda. Pode ser aplicada em caráter preventivo e corretivo. Também pode ser usada sob a forma de tratamento grupal. É indicada para aplicação em instituições educacionais (Marcinko, 1989) sendo aplicada junto a crianças e adolescentes. Nas escolas americanas é aplicada para a leitura e reflexão sobre o que foi lido, identificando assim futuras fontes de problemas. O programa em geral inclui não apenas a leitura, mas também a criação de composições, poemas e histórias criativos, que é feita de forma livre. Por professores, alunos e o bibliotecário, se preocupações com notas ou outro tipo padronizado de avaliação; as crianças são livres para expressar seus sentimentos (Lack, 1985). Entretanto, para efeito de alguma pesquisa ou avaliação posterior estes elementos podem se transformados depois em dados que garantam uma base científica ao estudo realizado.

Também pode ser usada junto a adultos e a idosos embora este emprego seja mais raramente encontrado, possivelmente porque a atenção científica a estas fases da vida seja mais recente (NERI, 1988).

1.1 Leitura Terapêutica Orientada e Biblioterapia

Os programas iniciais de Biblioterapia eram aplicados da mesma forma que a leitura terapêutica orientada. Segundo Brown citado por Lack (1985) o que distingue a Biblioterapia da Leitura Terapêutica Orientada é a existência de um usuário com um problema específico, em que o bibliotecário conhece tanto o problema como a história da pessoa. Sua orientação é dada não de forma esporádica, mas dentro de um programa estruturado que envolve muito mais do que a simples transferência de informação. Em vez de uma transferência horizontal da informação, há uma visão transacional da leitura, que envolve o relacionamento bibliotecário/usuário, os materiais selecionados, e as respostas que eles provocam no usuário de acordo com seu potencial e características específicas, sendo necessário para sua aplicação conhecimentos específicos de Psicologia e atuação interdisciplinar.

A Biblioterapia é uma técnica de mudança de comportamento através do autoconhecimento e que utiliza as qualidades racionais (intelecto, inteligência, compreensão cognitiva) e emotivas dos indivíduos que se submetem a ela, para obter uma modificação do seu comportamento. Alguns aspectos da Biblioterapia guardam semelhança com os utilizados na psicologia clínica e educacional, podendo a mesma vir a ser utilizada em ambos os contextos.

O envolvimento do bibliotecário varia em nível e grau, de acordo com sua formação. Sendo também psicólogo, com formação específica poderá coordenar o processo atuando integralmente como biblioterapeuta. Caso seja apenas bibliotecário integrará uma equipe

multidisciplinar, atuando em vários papéis ou, em caso extremo, selecionando e preparando os textos a serem usados no processo.

Esta formação especializada inclui: treinamento prático em liderança e organização de grupos, aulas teóricas, leituras sobre o assunto, e *workshops* para reciclagem e avaliação. Este treinamento é fornecido por associações como a ALA (The American Library Association), que possui uma organização dedicada exclusivamente ao assunto, a Biblioterapy Fórum, que faz parte da Divisão da Associação e Cooperativa das Bibliotecas Associadas (ASCLA), e pela NAPT (The National Association of Poetry Therapy) ou por entidades psicológicas como as Associações Profissionais e as Associações Científicas.

1.2 Biblioterapia para desenvolvimento pessoal

A Biblioterapia para desenvolvimento Pessoal ou Biblioterapia de Desenvolvimento Pessoal é aplicada principalmente em escolas, bibliotecas públicas e centros comunitários ou religiosos. O Bibliotecário desempenha principalmente o papel do educador. O dicionário de educação (Lack, 1985, p. 28-29) define desta maneira a Biblioterapia para o Desenvolvimento Pessoal.

“O uso de livros para influenciar o desenvolvimento total da personalidade, é um processo de interação entre o leitor e a literatura, que é utilizada para o enriquecimento da personalidade, seu ajustamento e desenvolvimento, com objetivos clínicos de higiene mental e ajustamento social.”

Monroe citado por Lack (1985, p. 29) comenta outros aspectos desta Biblioterapia:

“Este modelo de Biblioterapia é melhor descrito como um sistema de “educação” aberto e contínuo, mas com aspectos de “terapia” implícitos: objetivos identificados por um facilitador [que o grupo deve escolher] baseado no conhecimento das necessidades típicas de cada pessoa que está representada no grupo [adultos, adolescentes, etc.] e que deve conduzir a discussão baseado não no conhecimento dos problemas individuais do grupo, mas sim nas necessidades gerais de desenvolvimento e conhecimento do grupo como um todo, com o objetivo de solucionar e prevenir de forma saudável, os problemas e as crises que podem vir a surgir neste estágio determinado da vida. Este...[é] um trabalho profissional complexo que requer treinamento e mais do que leitura orientada, não podendo ser conduzido como uma terapia formal.”

Como se pode ver, este tipo de Biblioterapia é utilizada para complementar a educação formal, através de discussões orientadas e leitura dirigida. É aplicada como uma terapia por alguém especificamente treinado para isso, e em caráter preventivo. É aplicada de preferência em grupos homogêneos, com os mesmos interesses, e principalmente, na mesma faixa etária. (Lack, 1985) sintetizou algumas tarefas ou objetivos de cada faixa etária baseado nas teorias de Havighurst, Erickson e Super. Segundo ele, durante a sua infância, o desenvolvimento do indivíduo estaria voltado para a detenção de um sentimento de autoconfiança, manifestando-se a necessidade de obtenção de um senso de iniciativa na primeira infância e de um

senso de habilidade e engenho durante a segunda infância. Durante a adolescência surgiria a necessidade de desenvolver um senso de identidade, que se desdobraria durante a juventude em uma maior necessidade de intimidade e individualidade. A vida adulta estaria voltada para a produtividade, chegando finalmente a um senso de integridade do ego e auto-realização da meia-idade.

Dessa forma, seria responsabilidade do bibliotecário estar atento a estes detalhes, e procurando corresponder às necessidades de cada faixa etária durante o seu trabalho biblioterápico. Seus usuários e clientes potenciais devem se informar de como o programa biblioterápico está estruturado e opinar sobre ele e o seu desenvolvimento. É responsabilidade do bibliotecário identificar o problema do seu usuário antes de planejar ou organizar qualquer programa (Marcinko, 1989). Esta identificação poderá ser feita pelo próprio bibliotecário (se tiver formação profissional para isso), ou em conjunto com outro especialista, que pode integrar a equipe educacional da escola (psicólogo escolar) ou a equipe de saúde (psicólogo clínico, hospitalar).

1.3 Leitura da Biblioterapia

A pessoa que se submete a Biblioterapia, geralmente tem acesso a dois tipos de literatura: a literatura de ficção (para projeção de suas dúvidas nos personagens) e literatura didática. As técnicas utilizadas nos dois tipos de leitura podem ser idênticas: universalização, identificação, catarse e *insight*.

Schrodes citado por Oberstein & Thorn, 1986, trabalhou dentro de um enfoque

predominantemente psicanalítico e procurou detalhar cada fase vivida durante esse processo em sua tese. Embora a sua metodologia tenha sido criticada (Hynes, 1987) e ela tenha restringido o seu estudo apenas à literatura de ficção, o seu trabalho é relevante para identificação dos vários processos envolvidos na Biblioterapia. Segundo ela, a identificação seria a primeira fase com a expressão das impressões sobre o personagem, seguida de agrado ou desagrado com as opiniões e o comportamento do personagem. A segunda fase do processo seria a de projeção (consciente e inconsciente) dos seus motivos pessoais (do indivíduo) na trama representada pelos personagens. As projeções cognitivas ainda fariam parte dessa fase, e se manifestariam através da superposição de um ponto de vista moral à estória, dedução de valores e explicação das conseqüências de acordo com uma teoria pessoal sobre a vida. A terceira fase se caracteriza por evidências de um processo emocional de identificação (Abreção e catarse) com atitudes como culpa, ansiedade, tensão, expressão da raiva contra a personagem ou autor, finalizando com um processo de transferência. A quarta e última fase é a do *insight*, quanto as evidências de auto-reconhecimento na situações apresentadas derivam em incorporação de novos conceitos e uma integração da maior personalidade do indivíduo (o que antes eram aspectos inconscientes do caráter tornando-se e integrados).

Na visão transacional da leitura tanto aquele que conhece como o que é conhecido se transformam no processo de conhecimento, a medida que foi lido é assimilado, passa por elaborações e reelaborações, estabelecendo-se assim um novo conhecimento e uma nova percepção da realidade exterior; a pessoa

vai se modificando (valores, atitudes e comportamento). Toda pessoa ao ler constrói um texto paralelo intimamente relacionado ao texto que está sendo lido. Este texto paralelo está intimamente relacionado às suas experiências e vivências pessoais, desta forma o mesmo texto tornando-se um texto diferente para cada leitor. O texto criado pelo leitor está baseado em interferências, referências e co-referências de esquemas individuais de percepção. E é nesse texto que o leitor irá se basear quando alguém lhe pedir que explique o que leu.

O texto paralelo criado por ele é o texto que ele realmente compreendeu. A criação de um novo texto é concomitante ao significado que o texto adquire para o leitor. Conceitos podem ser transmitidos, mas significados são pessoais e intransferíveis.

“Shank (1984) defrontando-se com a construção da inteligência artificial, observou que freqüentemente tomamos a compreensão, o entendimento, pela inteligência que na verdade inclui também a empatia e a identificação, quando um interlocutor se põe na posição do outro ou da dos personagens de um relato, que dizer, entendemos sempre a partir de nossas memórias, experiências e inteligência. A compreensão variaria desde o simples fazer sentido; passando pelo entendimento cognitivo até a ‘ empatia completa’. A empatia completa só ocorre a partir de experiências semelhantes, enquanto que o entendimento cognitivo exige o aprendizado ou mudanças com a experiência, a relação de experiências presentes com as passadas, chegando a informações novas e, ainda, que se explique como chegou até a nova informação” (FONTANARI, 1991, p. 23)

Dessa maneira, o indivíduo seria capaz de entender ou compreender um texto em três níveis diferentes, que poderiam se explicitados como ‘ o fazer sentido’ (a capacidade de entender as situações vividas pelo personagens, as situações apresentadas), o ‘ entendimento cognitivo’ (a capacidade de relaciona-lo à situações vividas no seu dia-a-dia e compreender seus problemas a partir delas), e a ‘ empatia completa’ (identificação total com o personagem, capacidade de admitir traços do caráter do personagem como seus).

Sendo assim, a qualidade dos textos e do material a serem utilizados, é fundamental para o sucesso da Biblioterapia. Um bom texto literário ou qualquer outra obra de qualidade, permitem, pela sua profundidade, uma compreensão e construção em vários níveis (GOODMAN, 1991).

Entretanto, é preciso que a seleção para efeito da Biblioterapia, não se restrinja às características literárias e de conteúdo das obras. É preciso também levar em conta os aspectos psicoeducacionais dos indivíduos envolvidos. Da interação entre estes dois pólos é que surgirá uma Biblioterapia efetiva.

1.4 O papel do bibliotecário

Embora possa ser considerada uma especialização da Biblioteconomia, o papel do bibliotecário na aplicação da biblioterapia é muito discutido e depende da sua formação em outro campo científico específico; levando-o a ter uma inclinação e atuação mais educacional, psicológica ou médica (Smith, 1989). Alguns autores recomendam que ele apenas deve selecionar o material a ser utilizado, outros acham que após um

treinamento especial ele estará apto a aplicar a biblioterapia (Alves, 1982). Não sendo os únicos a atuarem neste campo, e podendo vir a atuar em conjunto com os profissionais das mais diversas formações profissionais e tendências (psiquiatras, assistentes sociais e outros), o papel do bibliotecário na biblioterapia é definido em grande parte pela formação profissional específica do bibliotecário e sua interação com estes outros profissionais. O contexto no qual o programa é planejado e aplicado, os objetivos que pretende atingir, e os usuários aos quais se destina são outros fatores determinantes.

A literatura especializada, no entanto, já estabelece algumas diretrizes básicas a serem seguidas pelo bibliotecário na elaboração e conclusão do processo bibliotecário (Rubin citado por Marcinko, 1989), sendo desnecessário dizer que este rol não é exaustivo e sua aplicação deve estar adequada à formação profissional do bibliotecário e profissionais responsáveis pelo programa:

- a) ele deve escolher um local adequado para a realização das reuniões do grupo;
- b) deve ter tido um treinamento adequado e estar capacitado para conduzir as discussões do grupo;
- c) deve formar grupos homogêneos para leitura e discussão de temas previamente escolhidos
- d) deve preparar listas de material bibliográfico adequadas às necessidades de cada grupo, e escolher outros materiais (filmes, músicas), de acordo com a idade e necessidades a nível cultural e social dos participantes;
- e) mesmo que não haja aplicação de terapia ou psicoterapia, como em alguns casos de biblioterapia

para crianças, é necessário estabelecer uma situação de ajuda entre o bibliotecário e o usuário, a partir daí será possível elaborar um programa estruturado;

- f) o bibliotecário ou biblioterapeuta, deve usar de preferência materiais com os quais esteja familiarizado;
- g) deve selecionar materiais que contenham situações familiares aos participantes do grupo, mas que não precisam necessariamente conter situações idênticas às vividas pelas pessoas envolvidas no processo;
- h) deve selecionar materiais que traduzam de forma precisa os sentimentos e os pensamentos das pessoas envolvidas sobre os assuntos e temas abordados, com exceção de materiais que contenham uma conotação muito negativa do problema, como poesias sobre suicídios, por exemplo;
- i) deve selecionar materiais que estejam de acordo com a idade cronológica e emocional da pessoa, sua capacidade individual de leitura e suas preferências culturais e individuais e
- j) deve selecionar material impresso e não impresso na mesma medida.

Além destas regras básicas, é possível ocorrer também uma maior interação do bibliotecário com o processo de análise e conhecimento que é próprio da biblioterapia enquanto processo terapêutico, seja sob o aspecto cognitivo ou afetivo. Este processo subjacente também é afetado pela existência ou não

de uma formação profissional específica para atuar neste processo.

2. O MÉTODO BIBLIOTERAPÊUTICO

Segundo Caldin (2001), “o método biblioterapêutico consiste em uma dinamização e ativação existencial por meio da dinamização e ativação da linguagem”. Assim continua Caldin (2001):

“...A linguagem em movimento, o diálogo, é o fundamento da biblioterapia. O pluralismo interpretativo dos comentários aos textos deixa claro que cada um pode manifestar sua verdade e Ter uma visão do mundo. Entre os parceiros do diálogo há o texto, que funciona como objeto intermediário. No diálogo biblioterapêutico é o texto que abre espaço para os comentários e interpretações que propõem uma escolha de pensamento e de comportamento. Assim, as diversas interpretações permitem a existência da alteridade e a criação de novos sentidos. A biblioterapia não se confunde com a psicoterapia, posto que esta última é o encontro entre pacientes e terapeuta e a primeira se configura como o encontro entre ouvinte e leitor em que o texto desempenha papel de terapeuta. Além da literatura, os comentários, os gestos, os sorrisos, os encontros são também terapêuticos à medida que fornecessem a garantia de que não estamos sozinhos. O texto une o grupo...”

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Caldin (2001), “a biblioterapia constitui-se em uma atividade interdisciplinar, podendo ser desenvolvida em parceria com a Biblioteconomia, a Literatura, a Educação, a Medicina, a Psicologia e a Enfremagem”. Sendo que, essa interdisciplinaridade, possui como o objetivo a troca de informações dessas áreas, visando a aplicação mais eficiente da biblioterapia.

Caldin (2001), afirma que “...a terapia ocorre pelo próprio texto, sujeito a interpretações diferentes por pessoas diferentes...”.

A biblioterapia pode ser um meio possível e efetivo para a mudança de comportamento, auto-correção e formação dos sujeitos na realidade que será estudada.

Portanto, é uma forma de mostrar que a leitura pode se tornar um meio rico para o encontro consigo próprio e para a obtenção de *insights* culturais, mesmo que seu domínio esteja restrito a poucos neste país, e que a leitura de palavras ou frases, não implique necessariamente em ler conceitos e o mundo.

Finalizando com Caldin (2001), “...vale destacar que não é a designação o mais importante na atividade de terapia da leitura, mas, o resultado obtido...”

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIR - SABER, Nazira Feres. O Período Preparatório e a aprendizagem de Leitura.4. ed. Belo Horizonte: A Grafiquinha,1968. 98p

ALVES, Maria helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. Revista brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v.15, n.1/2, p.54-61, jan./jun. 1982.

BAMBERGER, Richard. Como Incentivar o Hábito de Leitura. São Paulo: Cultrix, 1997. 118p.

BOWMAN, Garry. Biblioterapia : uma técnica para aconselhamento aos deficientes Visuais. In : Seminário Nacional Braille de Bibliotecas, 1995 João Pessoa. Anais ... João Pessoa: Editora Universitária / UFPB 1998,. P.-74 – 81

CALDIN, Clarice F. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. Encontros Bibli, Florianópolis, n.12, dez.2001.Disponível em : <
<http://www.ced.ufsc.br/bibliote/encontro/bibli12/caldin.html>.

CARVALHO, Ana Maria Sá. Bibliotecas nas Escolas de 1ª e 2ª graus em Fortaleza. 1983. 227f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

EDUCAÇÃO especial: temas atuais. Organização de Eduardo José Manzini. Marília: Unesp- Marília publicações, 2000.

FONTANARI, Juliano L. Aspectos linguísticos da produção e compreensão na afasia. Revista brasileira de neurologia. Rio de Janeiro, v.27, n.1, jan./fev. 1991, p.23-29.

FRIEIRO, Eduardo. Os Livros Nossos Amigos. 4 ed. Belo Horizonte: CCMG, 1980. 224p.

GOODMAN, Kenneth S. Unidade na literatura: um modelo psicolinguístico transacional. Letras de hoje, Porto Alegre, v.26, n.4, dez. 1991, p.8-43.

HYNES, Arleen Mc Carty. Biblioterapy: the interactive process. Catholic Library World, Há verford, v.58, n.4, jan./fev. 1987, p.167-170.

KINNERY, Margaret. The Bibliotherapy program; requerements for training. Library Trends, v.11, p. 129-130, oct., 1962.

LACK, Clara R. Can bibliotherapy go public? Collection Building, v.7, n.1, Spring 1985, p.27-32.

MARCINKO, Stephanie. Bibliotherapy: pratical applications with disabled individuals. Current studies in Librarianship, v.13, n.1/2, Spring/Fall 1989, p.1-5.

MONTET, Pierre. O Egito no tempo de Ramsés (1300 AC. a 1100 AC.). São Paulo: Companhia das letras, 1989.

NASCIMENTO, Eloisa. O Livro Certo na Idade Certa: O comportamento é fazer da leitura um hábito, Domingo, revista do Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, V. 7, n.310, p. 10-12, 8.03.82.

NERI, A Liberalesso. Envelhecer num pais de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos.

Tese de livre docência, UNICAMP, Campinas, 1988.

Services in libraries, v.2, n.3, p.214-249, spring 1989.

ORSINI, Maria Stella. O uso da literatura para fins terapêuticos: Biblioterapia. Comunicação e Artes, São Paulo, n.11, 1982, p.139-149.

OBERSTEIN, Karen & HORN, Ron Van. Books can help heal! Innovation techniques of bibliotherapy. Journal of educational media and library science, v.23, n.2, Winter, 1986, p.154-171.

_____. Biblioterapia: proposta de um programa de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa, Editora Universitária, 1996.105p.

PINTOS, Claudio Garcia. A logoterapia em contos: o livro como recurso terapêutico. São paulo: Paulus, 1999. 112p.

QUAKNIM, Marc-Alain. Biblioterapia/ Marc-Alain Quaknim; tradução de Nicolas Niymi Campanario.- São Paulo: Loyola, 1996.

RATTON, Angela M.L. Biblioterapia. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Belo Horizonte, v.4, n.2, set. 1975, p.198-214.

_____. Bibliotherapy: a technique for counseling blind people.. Journal of Visual Impairment & Blindness. Illinois, v.78, n.5, p.187-199, may 1984.

RUBIN, Rhea Joyce A Guide to Theory and practice. London: Onix Press, 1978. 240p.

SMITH Alice G. W. The real biblioterapist please stand up? Journal of

DANIELLE THIAGO FERREIRA

Mestre em Biblioteconomia e Ciência da
Informação pela PUC-Campinas
Bibliotecária da Diretoria de Serviços ao
Público da Biblioteca Central — UNICAMP
danif@unicamp.br
19-3788-6494